

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)
Grupo de Trabalho: Pensamento Social no Brasil

**Jorge Amado e “escola Nina Rodrigues”:
aproximações e distanciamentos**

Carla de Fátima Cordeiro (IFCH/Unicamp)

Jorge Amado e “escola Nina Rodrigues”: aproximações e distanciamentos

Um dos escritores mais famosos e vendidos do Brasil, Jorge Amado (1912-2001) é conhecido como divulgador de uma interpretação da formação brasileira formulada por Gilberto Freyre, cujo conceito central se cristalizou no termo democracia racial que se resume na ideia que a mistura entre os três povos, o negro, o branco e o índio, gerou uma sociedade igualitária em todos os âmbitos. Pouco divulgado, porém, que o escritor baiano manteve um diálogo próximo com os membros da que se convencionou chamar de “escola Nina Rodrigues” ou “escola baiana” de estudos antropológicos, durante os decênios de 1930 e 1940, momento que estudiosos baianos sediados no Rio de Janeiro, capitaneados por Arthur Ramos, foram responsáveis pelo resgate e difusão do trabalho do médico legista.

Sobre o escritor baiano e a questão racial destaco três elementos que acompanharam sua trajetória: seu interesse pela questão por meio da religiosidade afro-brasileira (candomblé), a abordagem da questão focando na população baiana e a afirmação que o problema racial é consequência da questão de classe.

Em suas memórias, *Navegação de Cabotagem*, revela:

Desde mocinho, rapazola cursando a vida popular baiana, inclusive nas casas-de-santo, nos terreiros de candomblé, com *Édison Carneiro*, *Artur Ramos*, *Aydano do Couto Ferraz*, foi me dado testemunhar a violência desmedida com que os poderosos do Estado e da Igreja tentaram aniquilar os valores culturais provenientes de África [...] Menino de quatorze anos comecei a trabalhar em jornal, a frequentar os terreiros, as feiras, os mercados, o cais dos saveiros, logo me alistei soldado na luta travada pelo povo dos candomblés contra a discriminação religiosa, a perseguição aos orixás, a violência desencadeada contra pais e mães-de-santo, iaôs, ekedes, ogans, babalaôs, obás [...] Tais misérias e a grandeza do povo da Bahia são a matéria-prima de meus romances, que os leia quem quiser saber como as coisas se passam (AMADO, 2012, p. 66-67, grifos meus.).

É notável que em fins da década de 1920, ainda na Bahia, Amado dialoga com intelectuais que trataram e publicaram importantes livros sobre a influência africana no Brasil: o colega de Academia dos Rebeldes¹, *Édison Carneiro*, e *Arthur Ramos*,

¹ *Academia dos Rebeldes* foi um breve movimento (1928-1930) que se opunha à Academia Baiana de Letras, composto de jovens artistas soteropolitanos que procuravam ignorar o que chamavam de *modernismo de importação* da semana de Arte Moderna de São Paulo e suas ramificações e re-

considerado importante divulgador das ideias do médico-legista Antonio Nina Rodrigues. Também sua relação próxima com representantes das religiões afro-brasileiras da Bahia.

Referindo-se aos colegas estudiosos baianos e a Nina Rodrigues como "grande mestre", Amado narra o primeiro encontro com uma figura que irá marcar sua inspiração literária sobre o negro:

*Édison Carneiro uma das forças da mais nova geração do Brasil, me leva a casa do professor Martiniano, um preto velho e sábio, que encontro vestido de camisa numa casa colonial e enorme, onde mora gente de toda espécie [...] Imagine uma parede coberta de retratos os mais diversos, emoldurados em conchas, ídolos negros por toda parte (como ele tentariam o meu amigo Arthur Ramos, que possui uma notável coleção). Aperto a sua mão e acompanho o meu querido Édison no respeito que ele trata o preto velho. Fico espantado com o muito que o preto velho sabe. Empréstimo-lhe *Casa grande e senzala*. Ele me conta como conheceu Nina Rodrigues, mostra lembranças do *grande mestre* e mostra como o deputado Homero Pires deturpou, por ignorância, o livro do mestre: 'Africanos no Brasil', que saiu há coisa de um ano com prefácio e notas daquele deputado (AMADO, 1934, s/p, grifos meus.).*

Chama especial atenção sua proximidade com Arthur Ramos (1903-1949). Responsável pelo resgate e difusão do trabalho intelectual de Nina Rodrigues² na década de 1930 juntamente com outros intelectuais baianos, como Afrânio Peixoto (1876- 1947) e Anísio Teixeira (1900-1971). Estes formavam a conhecida "escola baiana", a qual o etnólogo Édison Carneiro também se filiará, apesar de algumas divergências. Nessa década, o grupo baiano se instala no Rio de Janeiro, onde Ramos ocupou a importante

significações regionais. O mentor do grupo era o jornalista e poeta Pinheiro Viegas e dele faziam parte Sosígenes Costa, poeta, Walter da Silveira, crítico cultural, o etnólogo Edson Carneiro, Jorge Amado, entre outros.

² Retomando brevemente o pensamento de Rodrigues, este médico criminalista se colocou em oposição aos abolicionistas que inspirados pelo pensamento liberal procurava enfatizar da humanidade e a igualdade do negro. Nina Rodrigues (1862-1906) se dedicou a pesquisa para justificar cientificamente a inferioridade natural dos povos negros, como também, pontuar os efeitos patológicos da mestiçagem, utilizando como principal fonte de pesquisa as práticas culturais negras. Vale lembrar que Nina Rodrigues, maranhense de nascimento, consolidou sua carreira na Bahia. Província que se destacou como centro econômico, político e cultural na Colônia, mas que na República viu sua importância reduzir, um de seus "problemas" era ter uma população composta de grande maioria negra (provavelmente a região com maior porcentagem). Como já citado, a modernidade do Brasil enquanto nação era vislumbrada a partir a diluição da população negra. Pessimista assumido, a "solução" encontrada pelo médico legista, foi justificar que os negros da Bahia provêm dos negros superiores da África, os sudaneses. Beatriz Gois Dantas (1982) observa nesta análise de Rodrigues uma tentativa de se diferenciar da parte Sul do país, cuja população era de maioria bantu, considerada por ele muito inferior, mas sua presença era contrabalançada pela forte presença dos imigrantes europeus. Sobre Nina Rodrigues, "sua escola" e a instituição deste campo de estudo das relações raciais sugiro o livro *Ilusões de Liberdade: a escola de Nina Rodrigues* de Mariza Correa.

função de diretor da Biblioteca de Divulgação Científica e publicou seus livros pela Editora Civilização Brasileira, pela qual também editou livros de Édison Carneiro e reeditou publicações de Nina Rodrigues.

Esse grupo de intelectuais nomeado por Arthur Ramos como "escola Nina Rodrigues", Mariza Correa aponta que por trás dessa revalorização estava em disputa a hegemonia no campo dos estudos raciais: "[...] uma operação de guerrilha, cujo objetivo parecia ser destronar a posição, que começava a ganhar foros de hegemonia, de Gilberto Freyre, no campo do estudo das relações raciais" (CORREA, 2003, p. 166.).

À luz desse contexto, podemos situar Jorge Amado, que em meio a essa discussão, em artigo publicado no *Boletim de Ariel*, afirma:

Faz-se necessário saber o que vale científica e literariamente a cidade do Salvador para avaliar o esforço heroico de Arthur Ramos. Homem de ciência que escreve boa prosa, tem continuado a obra de Nina Rodrigues sobre a raça negra no Brasil. Na Bahia lhe falta tudo exceto o material que desde a morte de Nina até o aparecimento de Arthur Ramos andou abandonado [...]; fotografando os negros e escrevendo coisas admiráveis que nos fazem acreditar que Nina Rodrigues encontrou seu sucessor (AMADO, 1933, p. 225).

A citação acima dá indícios de um bom conhecimento de Amado a respeito dos estudos realizados por Ramos³, mesmo antes de este ser amplamente reconhecido, lembrando que esse artigo fora escrito em 1933, ano em que Arthur Ramos se instala no Rio e que só se torna reconhecido como discípulo de Rodrigues por volta de 1936. Há também evidências de concordância com as pesquisas de Ramos ao afirmar que estava "escrevendo coisas admiráveis".

Gustavo Rossi (2004) aponta que existem elementos para filiar o romancista ao "grupo baiano" com base em características outrora levantadas pela antropóloga Mariza Corrêa: a ênfase dos baianos na atuação política⁴ e a marca do trabalho em focar

³ Como discípulo de Nina Rodrigues, Ramos partiu dos princípios do seu mestre, mas não foi um mero repetidor de obra. Para ele não existiam "raças puras", como também, as diferenças não eram raciais, mas culturais. São três as críticas principais que faz as formulações de Rodrigues: 1) a tese das desigualdades raciais; 2) a tese da inferioridade e da degenerescência do mestiço brasileiro; 3) e a tese da responsabilidade penal atenuada dos negros, índios e mestiços brasileiros. Mas apesar de tentar negar a noção de raça acaba retomando, pois adota critérios raciais ao escalonar os negros segundo graus de inteligência associado a características físicas.

⁴ Sobre a ênfase na política do grupo baiano, Correa (2003) argumentou que uma das consequências do II Congresso foi a criação no mesmo ano da União das Seitas Afro-Brasileiras, que tinha como objetivo a defesa da liberdade de culto. Não sei até onde esta atuação política poderia ser apontada como uma

a "africanização" da Bahia. Acredito que não há elementos suficientes para tal afirmação, mas podemos indicar alguns aspectos relevantes: 1) a porta de entrada de Jorge Amado para a questão racial se dá por meio da sua inserção na luta pela descriminalização dos cultos afro-brasileiros; 2) havia um importante diálogo com seus conterrâneos que estudavam a questão do negro; 3) foi influenciado, pelo menos inicialmente, pelas teses do pensamento racista cientificista, notoriamente por Nina Rodrigues, que maldizia a mestiçagem, o que podemos observar na nota introdutória de *O país do carnaval* de 1931: "No Norte, terra da promessa, há uma grande *confusão de raças e de sentimentos*. É a formação do povo. E dessa confusão está *saindo uma raça doente e indolente*" (AMADO, 1982, s/p, grifos meus).

No contexto da luta pela hegemonia no campo das relações raciais, aconteceram dois congressos afro-brasileiros, um em Pernambuco e outro na Bahia⁵, ambos com participação de Jorge Amado. O I Congresso Afro-Brasileiro (1934), organizado por Gilberto Freyre, teve como presidente de honra o médico Ulisses Pernambucano, que trabalhava no Serviço de Higiene Mental, líder de um grupo do xangô no Recife e que se dedicou ao estudo científico dos cultos afro-brasileiros. Três anos mais tarde aconteceu o II Congresso Afro-Brasileiro (1937) em Salvador, organizado pelo etnólogo Édison Carneiro, com auxílio de Aydano Couto de Ferraz e Reginaldo Guimarães que se empenharam em valorizar os estudos baianos e enfatizar o pioneirismo de Nina Rodrigues nos estudos afro-brasileiros. Com algumas divergências⁶,

singularidade da "Escola Baiana", pois como bem observamos através das pesquisas de Beatriz Gois Dantas (1982) e de Moema D'Andrea (2010) por trás da valorização da tradição, Gilberto Freyre tinha propósitos políticos ligados à velha ordem oligárquica e que a ideia de 'democracia racial' legitimava ações políticas notadamente durante o governo Vargas como já apontado por Lilia Schwarcz (2001) e Antonio Sergio Guimarães (2002). O que podemos afirmar é que o 'grupo baiano' tinha um maior envolvimento político-partidário.

⁵ Através das correspondências entre Edison Carneiro e Arthur Ramos de 10/01/1937, este fala sobre um terceiro congresso que aconteceria em São Paulo em 1939, sob organização de Mario de Andrade e Mario Pedrosa. Comenta ainda, sobre uma comissão formada pelo próprio Arthur Ramos, Jorge Amado, Roquette Pinto, Anibal Machado, Jacques Raimundo, Theodoro Sampaio e Renato Mendonça para organizar os próximos congressos. Esse terceiro congresso planejado não aconteceu, mas em 1950 houve o I Congresso do Negro Brasileiro, desta vez realizado pela militância do movimento negro, que pretendia ser um evento menos acadêmico e ter um caráter mais propositivo no sentido de apresentar medidas práticas sobre a situação do negro.

⁶ Certa rivalidade pode ser observada entre os organizadores dos dois congressos nas correspondências trocadas por Edison Carneiro e Arthur Ramos antes da realização do II Congresso. Carneiro comenta: "O Congresso vai bem. O Mario de Andrade estará aqui desde o dia 6 estudando a música dos candomblés. Gilberto Freyre deu uma entrevista escangalhando o Congresso, falando em coisa improvisada, não sei o

a "escola baiana" e a "escola pernambucana" tinham em comum o objetivo de pensar o negro como fundamental na cultura brasileira. O escritor se posiciona a favor dos conterrâneos: "O Congresso da Bahia significou um passo adiante nos estudos sobre o negro brasileiro, foi tarefa dos intelectuais e do povo. A presença da África não se reduziu a tema para o estudo de eruditos, foi passo de dança, cantiga ritual, depoimento vivo (AMADO, 2012, p. 185-186).

Os textos apresentados por Amado nesses congressos nos auxiliam a compreender como ele se insere no âmbito dos debates. No primeiro congresso, apresentou um simples texto, *'Biblioteca do povo'* e *'coleção moderna'*, resultado de uma pesquisa em livros populares, nos quais se observa a influência do negro e mestiço na cultura popular:

Na Bahia o elemento popular é o negro e o mulato, as religiões africanas continuam a ter uma decisiva influência na massa, e assim sua literatura popular não pode deixar de ser diretamente influenciada pelo negro [...] Mesmo aquilo que não é negro nestas coleções, é escolhido pelo *gosto negro* do público que compra e lê esses folhetos (AMADO, 1937, p. 262-263, grifos do autor).

Em Salvador, homenageou figuras importantes dos candomblés baianos, mãe Aninha e Martiniano Eliseu Bonfim⁷, que foi um dos principais informantes de Nina Rodrigues. O texto é revelador e cita nomes que considera importantes no sentido de reconhecer, estudar e classificar a contribuição do negro à nacionalidade brasileira, como Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Édison Carneiro, Manuel Querino e Gilberto Freyre. Também expressa sua compreensão do problema racial brasileiro, a correspondência

que mais". No mesmo mês, no periódico *Boletim de Ariel*, Freyre faz uma aparente crítica aos organizadores do próximo congresso: "O Congresso do Recife foi ainda, o mais independente dos congressos. Não recebeu nenhum favor de governo, não se associou a nenhum movimento político, a nenhuma doutrina religiosa, a nenhum partido [...] Deu novo feitio e novo sabor aos estudos afro-brasileiros, libertando-os do exclusivismo acadêmico ou cientificista das 'escolas' (jan/1936, p. 88-89). Waldir Freitas Oliveira (2004) estudioso das correspondências entre esses intelectuais fala sobre o II Congresso do ponto de vista dos baianos: "Naquela reunião pretenderam, de uma certa forma, mostrar aos pernambucanos que haviam realizado em Recife, em 1934, liderados por Gilberto Freyre, o I Congresso Afro-Brasileiro. Nós, em Salvador, tínhamos ideias próprias sobre o problema do negro. Isso porque não concordávamos, integralmente, com a concepção de Gilberto Freyre sobre a formação social do Brasil e com a sua teoria sobre relações raciais" (p. 127).

⁷ Apesar não ter tido uma educação formal, Martiniano Eliseu Bonfim é tratado como professor por Edison Carneiro e segundo Jorge Amado foi "uma espécie de papa das religiões de origem africana" (2012, p. 186). Pelo seu notório saber foi informante fundamental nas pesquisas dos africanistas. Bonfim não era pai de santo, mas babalaô, um sacerdote com notável conhecimento da religião e poderes adivinatórios.

entre raça e classe, ou seja, a escravização do negro enquanto proletário, e também seu método e fonte de pesquisa:

Há, porém, sobre todos esses nomes um nome a lembrar, a estudar, a louvar: o do Prof. Martiniano Eliseu do Bonfim, chefe de seita, a mais nobre e impressionante figura da raça negra no Brasil de hoje. Sua sinceridade, seu amor à sua raça, a sua dedicação, a sua inteligência, a sua cultura fazem deste chefe de seita um dos tipos representativos das melhores qualidades dos brasileiros [...] Há quase quatro anos um romancista que queria escrever um romance honesto sobre a raça negra no Brasil, subiu as escadas pobres que conduzia à escada pobre, morada do maior e mais respeitado nome das seitas africanas no Brasil e desde então a posição daquele romancista diante deste chefe de seita tem sido a da mais absoluta e comovida admiração [...] Sua figura se projeta sobre as figuras e os poetas negros no Brasil pela compreensão que dedicou a estas manifestações artísticas sobre a raça que já foi unanimemente escravizada como raça e hoje é quase exclusivamente totalmente escravizada como classe (AMADO, Elogio a um chefe de seita.194_, p. 326).

A partir desse pequeno excerto, podemos ver que Amado falava de seu romance *Jubiabá* (1935). A polêmica no qual esteve envolvido devido ao título do romance elucida importantes aspectos da discussão racial no momento.

O pai de santo baiano Severiano José de Abreu, conhecido como Jubiabá, acusou Amado de ter se aproveitado de sua história para escrever o romance. Jorge Amado, por sua vez, se mostra indignado frente a reivindicação de Severiano. Em uma declaração com superlativos, afirma:

Meu personagem está humilhadíssimo [...] pretendi criar um tipo de macumbeiro que fosse um verdadeiro sacerdote da sua religião [...] A crítica, em mais de 70 artigos saídos até agora sobre meu livro, esteve unanime em afirmar que meu Jubiabá era um homem bom, honesto, decente [...] Pois, de repente, me aparece a história do mulato Severiano [...] durante dois meses que levei escrevendo o *Jubiabá*, não me recordei nenhuma vez do mulato Severiano Manuel de Abreu [...] no meu Jubiabá vários pais de santo deram tipo aquele tipo [...] Édison Carneiro, o grande estudioso das questões do negro brasileiro [...] também faz notar que muito diferem os dois sujeitos do mesmo nome. Severiano não é pai de santo se tomarmos essa palavra no sentido de um sacerdote das religiões negras. Ele é um cultor do baixo espiritismo. Os pais de santo são, geralmente, sujeitos sérios, honestíssimos, acreditando na sua religião. Severiano é um explorador da credulidade dos pobres e dos ricos da Bahia (AMADO apud TATI, 1961, p. 80-81).

Observando a declaração do escritor, notamos seu engajamento na causa de conferir *status* legal de religião ao candomblé, citando, inclusive, um respeitado estudioso da religião como foi Carneiro. Mas chama atenção, principalmente, como se refere a Jubiabá, o chamando de mulato de forma pejorativa e de devoto de um "baixo espiritismo"⁸, se valendo da ideologia que considera o mestiço como degenerado e dos princípios evolucionistas que aplicam a noção de superioridade ou de inferioridade biológica e cultural com base nos cultos dos povos de origem africana. O que se ressalta é Jorge Amado reivindicando um ideal de pureza⁹, ideias presentes nas pesquisas de Nina Rodrigues e em maior ou menor grau nas pesquisas dos estudiosos da "escola baiana", com quem mantém um fraternal contato.

No jornal da ANL (Aliança Nacional Libertadora) *A manhã*, um artigo de autoria de Jorge Amado tratava sobre o livro do cônsul Renato Mendonça, *Influência africana no português do Brasil*, e demonstra novamente proximidade com Arthur Ramos e Édison Carneiro, pois afirma no artigo que o livro é um estudo incompleto, apontando que, além de Mendonça, dois conterrâneos "têm a obrigação de fazer" um estudo mais completo sobre o assunto e adianta a intenção de Carneiro em elaborar um vocabulário nagô-português. Publicação que nunca aconteceu, mas de fato foi uma intenção de Carneiro, pois, além do registro de Amado, o próprio comunica sua vontade em carta enviada a Arthur Ramos, na qual, inclusive, comenta a insistência de Amado para que tal livro fosse publicado:

O meu amigo Jorge Amado ganhou. Afinal, sempre me decidi a escrever livro sobre negros que ele reclama insistentemente há coisa de três anos [...] Mande ao Jorge Amado um projeto de esquema já agora modificado [...] Vou fazer o possível para não citar Marx. Si lhe dou todos esses pormenores sobre o monstrengo foi porque o Jorge Amado me falou no

⁸ A expressão "baixo espiritismo" foi um recurso de hierarquização, que definiria os "maus" em oposição aos "bons" espíritas em discursos jurídicos e sociais. Arthur Ramos aponta continuidade entre rituais de procedência banto e as mesas de baixo espiritismo das camadas "atrasadas" da população carioca. Édison Carneiro trata do que chama de "candomblés de caboclo", forma sincrética, derivada da tradição banto, que, a partir do contato com o "baixo espiritismo", estaria se degenerando em charlatanismo. De um modo geral, os grupos associados a nações ioruba ou nagô foram tidos, em relação aos banto, como mais evoluídos e mais próximos das africanas. Na utilização da expressão "baixo espiritismo", que aparece sempre associada a análises sobre os destinos da tradição banto, se cruzam, portanto, dois temas: a degeneração da herança africana e o charlatanismo/curandeirismo. Giumbelli (2003) aponta ao analisar textos médicos da década de 1930, que estes procuravam patologizar o espiritismo o associando a doenças mentais.

⁹ Beatriz Gois Dantas em sua dissertação de mestrado, *Vovô nagô e Papai branco: usos e abusos da África no Brasil*, discutiu amplamente a noção de pureza nagô e a sua defesa pela escola Nina Rodrigues.

seu provável interesse por esse livro, para a Biblioteca de Divulgação Científica. Será que esse interesse existe no mesmo? (CARNEIRO, 1936,s/p).

Correspondência que revela Amado na função de incentivador de Edison Carneiro¹⁰ como estudioso da questão do negro e articulador na relação entre Carneiro, que ainda residia em Salvador, e Arthur Ramos, que morava no Rio de Janeiro.

Aliás, é notória a aproximação do *A manhã*, que Jorge Amado era redator, com os dois intelectuais citados acima. Há textos com divulgação de palestras, referências e textos de Ramos, como também textos e referências a Carneiro.

No início do decênio de 1940, o romancista baiano retoma sua colaboração ao jornal *O Imparcial*, com a coluna “Hora da guerra”, “uma pequena trincheira”, segundo o autor. Dentre os vários textos publicados nessa coluna até 1944, um texto chama especial atenção. Intitulado “Hitler contra Zumbi dos Palmares”, em que cita pesquisas de Arthur Ramos, pois exporiam a situação do negro e do mulato sobre a ordem nazista, fala do destino que estaria reservado a essa parcela da população caso houvesse uma vitória nazista, pois Hitler “sempre considerou o Brasil um ‘miserável país de mestiços’ que devia ser civilizado pelos ‘cultos arianos nazistas’” (AMADO, 2008, p. 63). O interessante é que pela primeira vez nota-se Amado levantando a bandeira da mestiçagem, reconhecendo esta como elemento singular da nacionalidade brasileiro: “*Fomos sempre exemplo de democrática isenção de preconceito raça*. Foi necessário que medrasse aqui a semente do nazismo no capim verde do integralismo, para que os preconceitos raciais viessem à tona num país como o nosso de forte miscigenação” (AMADO, 2008, p. 64, grifos meus). No mesmo texto nega a existência do racismo no país e o trata como se fosse um fenômeno trazido de fora: “[...] negros e mulatos do Brasil, junto com brasileiros brancos que nunca cultivaram as diferenças e os preconceitos raciais, querem provar ao monstro ariano e nazi que não nasceram para ser escravos” (AMADO, 2008, p. 66).

¹⁰ Édison Carneiro se dedicou a estudar os cultos de origem africana. Em 1936, publica o livro *Religiões Negras* e no ano seguinte *Negros Bantus*. Influenciado por Nina Rodrigues e Arthur Ramos, suas pesquisas buscavam aproximar elementos da África no Brasil, algo que encontrou nos terreiros de Angola contrariando Nina Rodrigues no que se refere a exclusividade sudanesa nos terreiros da Bahia. Carneiro através de seus estudos tenta conseguir legitimidade e trabalha na legalização dos cultos afro-brasileiros. Mas, como bem observa Beatriz Dantas (1982), este acaba se rendendo ao modelo interpretativo da superioridade cultural, pois tanto em sua pesquisa como nas de Rodrigues os nagôs servem de modelo de superioridade.

Amado demonstra novamente que endossa as ideias de Arthur Ramos - que viria a se tornar idealizador do projeto da Unesco contra o racismo no fim da década de 1940 -: ambos refutavam as teses arianas de superioridade racial. Ramos nesse momento fazia denúncias sobre o uso indevido da antropologia para fundamentar tais teses e apresentava o Brasil como exemplo no mundo no que se refere a questão racial, além de manifestar um certo temor que o racismo chegasse ao Brasil. Entre 1935 e 1943, publicou quatro manifestos e uma série de artigos contra o nazismo, em favor das Forças Aliadas, e ainda divulgou as possíveis contribuições das ciências sociais no pós-guerra em dois livros, *Guerra e relações de raça* (1943) e *As Ciências Sociais e os problemas de após-guerra* (1944), nos quais, numa atuação similar a do escritor baiano, conchama os intelectuais a tomarem posição contra o fascismo:

A nossa guerra é também uma luta ideológica. Já não somos meros expectadores desse choque de ideias do nosso século, que está abalando o mundo nos seus fundamentos. Somos atores conscientes e preparados para o embate. Nenhum sábio, nenhum artista, nenhum intelectual, poderá mais isolar-se no recesso do seu gabinete, ou nos desvãos julgados inatingíveis do seu mundo interior (RAMOS, 1943, p. 09).

O que se percebe é que ao mesmo tempo que se aproximara do PCB, o escritor travava um importante diálogo com estudiosos da Bahia, como Arthur Ramos e Édison Carneiro, sobre a questão racial. Todos eles se debruçaram sobre a religiosidade afro-brasileira na tentativa de localizar reminiscências da África no Brasil e a presença do negro na formação nacional. Naquele momento, Amado reconhecia a presença de importantes elementos da cultura negra no Brasil, notadamente o candomblé, mas atrelada à concepção pcbista. Sendo assim, a supremacia do problema social frente à questão racial, apontando a necessidade de uma “segunda abolição”, ou seja, a libertação da condição proletário.

Assim, é observado Jorge Amado muito ativo na cena intelectual no que se refere à questão racial, tema pouco observado na sua trajetória na década de 1930, dando a aparência que somente a militância político-partidária foi o centro de sua atuação naquele momento. Mas se percebe um intelectual influente nos bastidores desse campo, seja dialogando, participando de congressos, mediando contatos e incentivando novas

publicações dos integrantes da “escola baiana”¹¹, seja falando em nome destes e endossando suas ideias sobre a questão negra brasileira, acompanhado de um olhar marxista sobre o tema que também é observado na sua produção artística.

Um contato e influência que está presente ao longo da carreira do autor, especialmente a de Arthur Ramos, mas que será suprimido, fato que atribuo à sua adesão a interpretação freyreana da formação brasileira acompanhada de severas críticas a estudiosos que inspiraram Nina Rodrigues¹².

No auge da sua carreira, a partir dos anos 1960, observa-se o romancista mobilizando e articulando intelectuais da Bahia, uma atuação semelhante a que fazia na década de 1930 com os intelectuais baianos africanistas, só que com maior influência política e intelectual.

Alguns anos antes, em seu discurso no *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, ocorrido na Universidade da Bahia em agosto de 1959, o romancista colocou com todas as letras sua percepção da questão racial brasileira, exaltando a singularidade da baianidade, que seria a miscigenação: “Nós, baianos da antiga e profunda mestiçagem, filhos do mistério e da beleza desta cidade negra do Salvador da Bahia, guardiães de sua pureza e incentivadores do seu progresso, somos orgulhosos deste templo e seu significado”; como exemplo, cita o um negro, um mestiço e um branco/estrangeiro envolvidos no candomblé: “Aqui passaram e estudaram Martiniano Bonfim, babalaô da casa, nosso Édison Carneiro, o feiticeiro Pierre Verger, e hoje nós, homens de cultura, somos os defensores do seu segredo e de sua grandeza” (AMADO, 1988, p. 24-25). O que se observa é a revitalização de um discurso sobre a Bahia a partir do decênio de 1950 e vemos a fala de Jorge Amado bem alinhada com um contexto em que uma interpretação da negritude e baianidade são conceitos que dialogam, pois a Bahia deixa de ser pensada como *melting pot* e se fixa a ideia de que ali se encontra o *verdadeiro* estado negro.

¹¹ Também é possível observar além das várias referências a estes estudiosos em diversos textos, Amado resenhando trabalhos de Ramos e Carneiro. Cf. Amado, J. Dois Ensaístas. *Boletim de Ariel*, nº 9, janeiro de 1933 e O jovem Feiticeiro. *Boletim de Ariel*, nº 3, dezembro de 1936.

¹² O escritor reconhecia publicamente o pioneirismo de Rodrigues, talvez por isso não são encontrados registros do escritor criticando diretamente o médico alagoano, mas fazia duras críticas a Cesare Lombroso, por exemplo.

Na Bahia, essa política levou à apropriação de elementos cotidianos da cultura afro para construir uma imagem de baianidade singular e exótica. Mestiçagem, democracia racial, o popular, e por mais contraditório que possa parecer, a pureza são os termos chave. O reforço do mito de “paraíso racial” visava afastar qualquer forma de polarização étnica, buscando tornar a cultura negra como um símbolo do “ser baiano”.

Não restam dúvidas que o intelectual Jorge Amado ajudou na elaboração e na divulgação do discurso político-ideológico da baianidade ou da “ideia de Bahia”, como prefere Osmundo Pinho (1998). O “fator baianidade¹³” se torna o principal critério de julgamento do escritor, que em resenhas, comentários, críticas e artigos se limitava a exaltar tais atributos. E muito antes desse discurso se popularizar, na década de 1970¹⁴, já falava em tais termos (vide o discurso do IV Colóquio Luso-Brasileiro de 1958). Amado foi uma espécie de líder dos que formavam uma elite intelectual, econômica e política, autorreferente e produtora dessa ideia, composta por nomes como Pierre Verger, Mestre Didi, Carybé, Floriano Teixeira, Calasans Neto, Mário Cravo, Dorival Caymmi que supostamente representavam e eram os guardiões do verdadeiro espírito do povo baiano em sua arte. Sendo assim, a cultura era negra cada vez mais mestiça.

Ao mesmo tempo, o discurso do romancista fica cada vez mais em termos próximos aos do freyreano, como vemos no excerto abaixo dos anos 1970, em que está implícita a ideia de equilíbrio entre opostos¹⁵ que reverberou na democracia racial que formou o povo baiano:

No caso da Bahia, qual a marca fundamental? Eu vos diria, Senhora, que essa marca é a mistura. Aqui tudo se misturou, num amálgama colossal, sangues, raças, religiões, costumes, negros, brancos, índios e mamelucos, ricos e pobres, e mulatos com mulatas, mestiços com mestiças e foi surgindo *essa cor de pele e essa consciência democrática*, a condição cordial e a doçura, o prazer sensual de cada instante e de todas as minúcias [...] *as contradições encontram o caminho da convivência* (AMADO, 1972, p. 28, grifos meus).

¹³ Como também notou Goldstein (2000).

¹⁴ Em jornais do início da década de 1970 aparecem chamadas do tipo “Na Bahia de Jorge Amado, o Brasil é mais Brasil”, “Quem quiser saber da Bahia de Jorge Amado tem que ir lá”.

¹⁵ Equilíbrio entre opostos, equilíbrio de antagônicos e outros termos afins são uma das bases do modelo explicativo freyreano, que desenvolve especialmente em *Casa-grande & senzala*¹⁵ o conceito que gravita em torno da ideia que, no Brasil, os opostos, senhor x escravo, branco x negros, casa-grande x senzala, graças a capacidade colonizadora dos portugueses, tenderam-se a confraternizar, criando uma bela civilização nos trópicos, daí a utilização do “&” no título indicando conjunção entre elementos aparentemente opostos.

Observa-se o romancista mobilizando e articulando intelectuais, uma atuação semelhante a que fazia na década de 1930 com os intelectuais baianos africanistas, só que agora com maior influência política e intelectual. Acredito que podemos apontar os intelectuais divulgadores do discurso da baianidade como continuadores da chamada “escola baiana”, estes colocavam também ênfase nos elementos da cultura e valorizavam as reminiscências da África na Bahia, mas naquele momento não havia mais maiores necessidades de legitimação científica e eram ligados a um outro grupo político, lembrando que o grupo da década de 1930 tinha ligação com o PCB e o novo não tinha vinculação explícita, mas contava com o apoio grupo político de Antonio Carlos Magalhães¹⁶.

O que se nota é que com o afastamento do PCB nos anos 1950 e o assentamento de sua percepção sobre a formação da sociedade brasileira, e, conseqüentemente, da questão racial mais atrelada a Gilberto Freyre praticamente desaparece dos seus discursos de Jorge Amado referências aos estudiosos baianos da questão racial de quem fora tão próximo. Mas que mesmo tendo revisto boa parte das suas concepções dos decênios de 1930 e 1940, chama atenção que uma concepção muito difundida pelos estudiosos baianos acompanhará Amado por sua vida: a superioridade e a singularidade da etnia iorubá-nagô e seus cultos, que, segundo levantamento destes estudiosos, compunha a maior parte da população baiana e a constante reafirmação das reminiscências da África no Brasil, especialmente na Bahia, argumentos que são alicerces do discurso da baianidade.

¹⁶ Antonio Carlos Magalhães pode ser considerado o político embaixador da baianidade. ACM foi prefeito de Salvador, deputado estadual, deputado federal, duas vezes senador e três vezes governador pela Bahia em mais 50 anos de carreira política. Segundo Osmundo Pinho (1996), o político alcançou seus objetivos por sua característica de político midiático, grande parte por ter sido proprietário da Rede Bahia, empresa que inclui emissoras de rádio, jornais, gráficas e emissoras de TV afiliada da Rede Globo no estado, o alinhamento dos meios de comunicação de massa locais ao discurso de baianidade, consolidou o projeto identitário de uma baianidade turística. A permanência no poder do seu grupo político único foi também determinante para a legitimação desta identidade.

Referências Bibliográficas

AMADO, Jorge. A festa para o IV Colóquio Luso-brasileiro e o discurso de Jorge Amado para mãe Senhora. In: SANTOS, Deoscoredes Maximiliano dos (Mestre Didi). *História de um terreiro Nagô*. São Paulo: Max Lemond, 1988.

_____. 'Biblioteca do povo' e 'coleção moderna'. FREYRE, Gilberto (org.). *Novos estudos afro-brasileiros*. Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro Brasileiro do Recife. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937, p. 262-263, grifos do autor.

_____. Carta a uma leitora sobre romance e personagens. In: MARTINS, José de Barros (org.). *Jorge Amado: Povo e terra*. 40 anos de literatura. São Paulo, Martins, 1972.

_____. Dois ensaístas. *Boletim de Ariel*, n. 9, junho de 1933, p. 225.

_____. É preciso viver ardentemente. In: *Jorge Amado: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios* por Álvaro Cardoso Gomes. São Paulo: Abril, 1981, p. 3-34. Entrevista concedida a Antônio Roberto Espinosa.

_____. Elogio a um chefe de seita. In: CARNEIRO, Edison. *O negro no Brasil: trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 194_, p. 326.

_____. *Hora da guerra: a Segunda Guerra Mundial vista da Bahia*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

_____. *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que nunca escreverei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *O país do carnaval*. Rio de Janeiro: Record, [1932]1982.

_____. Rios e cidades. *Gazeta de notícias*, Rio de Janeiro, 24/11/1934.

CARNEIRO, Édison [Carta] 04.jan.936, Bahia [para] RAMOS, Arthur, Rio de Janeiro. 3 f. Carta a Arthur Ramos informando sobre o andamento das pesquisas para o livro *O fetichismo negro da Bahia* e comunicando a descoberta de um caderno em escrita mussulmi e a tentativa de elaborar um vocabulário nagô- português. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1299532.pdf

CARNEIRO, Édison [Carta] 10. Jan.1937, Bahia [para] RAMOS, Arthur, Rio de Janeiro. 1 f. Carta a Arthur Ramos informando que pretende editar uma revista sobre o II Congresso Afro-Brasileiro e que o III Congresso será realizado em São Paulo em 1939 http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1299542.pdf.

CARNEIRO, Édison [Carta] 30.nov.1936, Bahia [para] RAMOS, Arthur, Rio de Janeiro. 4 f. Carta a Arthur Ramos agradecendo o apoio dado à publicação do seu livro *Religiões negras* e indagando sobre os direitos autorais de *Novos estudos afro-brasileiros*. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1299541.pdf

CORREA, Mariza. *Antropólogos e antropólogas*. Belo Horizonte: UFMG, 2003

CORREA, Mariza. *As ilusões de liberdade: e escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas*. Campinas: Editora UNICAMP, 2010, 2 edição revisada e ampliada.

DANTAS, Beatriz Góis. De feiticeiro a comunista; acusações sobre o candomblé. Separata da revista *Dédalo*, Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo São Paulo, n° 23:1984. Disponível em: <https://sites.google.com/site/severodacelino/bancodetextos>.

_____. *Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Departamento de Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1982.

GIUMBELLI, Emerson. O "baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 247-281, julho/2003.

GOLDSTEIN, Ilana. *O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*. São Paulo: SENAC, 2000.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org.). *A literatura de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Caderno de Leituras, Coleção Jorge Amado).

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: FUSP e Editora 34, 2002.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. As pesquisas na Bahia sobre os afro-brasileiros (entrevista). *Estudos avançados*, São Paulo, p.127-134, 2004.

PINHO, Osmundo S. de Araújo. A Bahia no Fundamental: Notas para uma Interpretação Do Discurso Ideológico Da Baianidade. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 36, fevereiro, 1998.

_____. *Descentrando o Pelô: narrativas, territórios e desigualdades raciais no Centro Histórico de Salvador*. Dissertação de mestrado, Campinas, Departamento de Antropologia, IFCH/Unicamp, 1996.

RAMOS, Arthur. *A mestiçagem no Brasil*. Maceió: Editora UFAL, 2004.

_____. *As ciências sociais e os problemas de após-guerra*. Rio de Janeiro: Casa do estudante do Brasil, 1944.

_____. *Guerra e relações de raça*. Rio de Janeiro: Departamento Editorial da União Nacional dos Estudantes, 1943.

ROSSI, Luiz Gustavo de Freitas. *As cores da revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2001.

TATI, Miécio. *Jorge Amado vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.